

John Steinbeck

UM DIA  
DIFERENTE

*tradução de*  
João Belchior Viegas

LIVROS DO BRASIL

## PRÓLOGO

Uma noite, Mack, estirado na sua cama do Palácio-Albergue, dizia:  
— A mim este livro *Bairro da Lata* nunca me satisfaz. Eu teria seguido outro caminho.

Fez uma pausa, deitou-se de lado, apoiou a cabeça na palma da mão e continuou:

— Não passo de um crítico. Mas estou certo de que, se chegasse a conhecer o tipo que o escreveu, lhe podia dizer umas coisas.

— Como, por exemplo? — perguntou Whitey Primeiro.

— Para já — respondeu Mack — isto: há vários capítulos, Capítulo Um, Capítulo Dois, Capítulo Três e por aí fora até ao último. Eu talvez preferisse que cada um deles fosse antecedido de uma pequena frase que nos desse ideia do que trata. Se me apetecesse reler, por acaso, uma passagem, o que significa para mim Capítulo Cinco? Se houvesse umas palavras de referência, eu saberia imediatamente onde estava o que queria.

— Continua — disse Whitey Primeiro.

— Além disso, gosto de um pouco de diálogo num livro, mas aborreço-me que me estejam a dizer o que parece o tipo que fala. Gosto mais de imaginar o que ele pensa por aquilo que diz. Também gosto de algumas descrições — continuou —, de saber a cor das coisas, como cheiram, talvez mesmo a que parecem e o que podemos sentir por elas, mas nunca em excesso.

— Não há dúvida de que és um crítico, Mack — concordou Whitey Segundo. — Agora acredito. Disseste tudo?

— Não — respondeu Mack. — Às vezes, num livro, agrada-me que se perca o fio à meada e haja um bocado de olarilolé. O tipo que escreve acha-se no direito de fazer o seu bocado de olarilolé, de alinhar palavras

bonitas ou ir atrás da música. Isso é bonito, mas quanto a mim esses bocadinhos de cantilena deviam estar arrumados de maneira a que eu não tivesse de os ler. Não gosto de cantilena misturada na história. E se o tipo precisa de fazer cantilena, que a deixe à parte e eu, quando quiser, ou a procuro ou passo por cima e sigo o fio da história.

Eddie perguntou:

— Mack, se o tipo que escreveu o *Bairro da Lata* aqui viesse eras capaz de lhe dizer isso mesmo?

Whitey Segundo respondeu:

— O Mack pode dizer o que quiser a quem quiser. O Mack é capaz de ensinar um fantasma a assombrar uma casa.

— Garanto-te — disse Mack — que nunca mais haveria estalos de mesas nem arrastar de correntes. Há imensos anos que os fantasmas não fazem progressos. Ai não, que não podia, Whitey!

E voltou a deitar-se de costas, de olhos fitos no dossel da cama.

— Estou a vê-los — disse Mack.

— Os fantasmas? — perguntou Eddie.

— Não, os capítulos... — respondeu Mack.

## O QUE ACONTECERA ENTRETANTO

Quando a guerra chegou a Monterey e a Cannery Row todos lutaram mais ou menos, duma maneira ou doutra. Quando as hostilidades cessaram todos tinham as suas cicatrizes.

As fábricas de conservas lutaram também a seu modo, desprezando as limitações impostas e pescando todo o peixe possível. Tudo por razões patrióticas, se bem que isso não voltasse a dar vida aos peixes. Exatamente como as ostras da *Alice no País das Maravilhas*, «comeram tudo». De resto, o mesmo nobre impulso devastou as florestas do Oeste e levou a que hoje em dia a água seja puxada à bomba das profundezas do subsolo da Califórnia em quantidades nunca comparáveis às que chovem do céu. Se o deserto alastrar, toda a gente ficará triste, tão triste como Cannery Row quando todas as sardinhas foram pescadas, enlatadas e comidas. As fábricas de chapa ondulada de um cinzento-pérola estavam envoltas em silêncio e toda a vida que tinham era a dum pacífico guarda. A rua, que estremecera com camiões, estava sossegada e deserta.

De facto a guerra tocara a todos. O Doutor fora mobilizado. Deixara como encarregado do Laboratório Biológico Ocidental o seu amigo Old Jingleballicks e cumprira o seu serviço como sargento num posto antivenéreo.

O Doutor encarou a situação com filosofia. Entretinha as suas horas livres com uma quantidade apreciável de álcool fornecido pelo Governo, arranjou amizades e evitou ser promovido. Quando a guerra acabou foi mantido no serviço por gratidão do Governo a fim de destrinçar certos problemas menos claros de inventário, tarefa que lhe incumbia, aliás, por a ele se dever em grande parte a sua pouca clareza. Dois anos após a vitória, o Doutor foi finalmente desmobilizado com todas as honras.

Voltou ao Laboratório Biológico Ocidental e tentou abrir a porta empenada pela humidade. Old Jingleballicks há dois anos que não ia lá. A poeira e o bolor tinham invadido tudo. Havia loiça suja, os instrumentos estavam enferrujados e as gaiolas vazias.

O Doutor deixou-se cair na sua velha cadeira absolutamente aniquilado. Amaldiçoou Old Jingleballicks, saboreando bem o veneno das suas palavras, e, em seguida, levantando-se automaticamente, encaminhou-se pela rua imersa em silêncio para a loja de Lee Chong, a fim de comprar cerveja. Só ao ver por detrás do balcão um homem bem vestido, mexicano pela aparência, ocorreu ao Doutor que Lee Chong tivesse partido.

— Cerveja — disse o Doutor. — Duas garrafas.

— É para já — respondeu o lojista.

— O Mack está por cá?

— Sim, senhor.

— Diz-lhe que quero vê-lo.

— Digo-lhe que quer vê-lo quem?

— Diz-lhe que o Doutor voltou.

— Sim, senhor Doutor — respondeu o homem. — Esta cerveja agrada-lhe?

— Todas as cervejas me agradam — respondeu Doutor.

O Doutor e Mack estiveram até tarde no laboratório. Como a cerveja acabasse por ficar choca foi substituída por uma garrafa de litro de *Old Tennis Shoes*<sup>1</sup> e entretanto Mack ia lembrando os anos perdidos.

Tudo estava diferente. As pessoas ou tinham partido ou haviam mudado, e isso era já um pouco como se tivessem partido. Tristemente, os nomes ocorriam, mesmo os daqueles que não tinham morrido. Gay morrera atingido por um projétil antiaéreo que seguira o caminho contrário do que devia. Ele nunca conseguira deixar de olhar para o céu durante os

<sup>1</sup> *Old tennis shoes*: sapatos de ténis velhos. Jogo de palavras numa referência ao *Jack Daniel's Tennessee Whiskey*, um uísque de categoria também chamado *Old N.º 7*. (*N. do R.*)

bombardeamentos. A mulher não tivera dificuldade em voltar a casar, dada a pensão que recebia; porém, no Palácio-Albergue, o leito de Gay permanecia exatamente como ele o deixara. A ninguém era permitido sentar-se na cama que fora de Gay.

E Mack prosseguiu, contando ao Doutor como Whitey Primeiro, que arranjava um lugar numa fábrica de material de guerra em Oakland, partira uma perna e passara depois três cómodos meses num pequeno hospital, onde aprendera a tocar gaita de beijos, prenda essa que seria suscetível de lhe encher o resto da vida.

Mas havia ainda um novo Whitey, o Whitey Segundo. E Mack sentia orgulho nele, pois esse Whitey Segundo, ao serviço da 1.<sup>a</sup> Divisão dos Fuzileiros Navais, chegara a estar na frente de batalha. Dizia-se, e não fora Whitey Segundo quem o dissera, que ele ganhara a Estrela de Bronze, mas, como a perdera, não havia provas. O que ele nunca perdoaria ao Corpo dos Fuzileiros Navais era terem-no privado do seu troféu: um frasco com orelhas inimigas conservadas em aguardente. Tinha intenção de colocar esse objeto numa prateleira próximo da mesa de cabeceira como símbolo dos serviços que prestara à Pátria.

Eddie ficara ao serviço de Ida, no Café La Ida. Submetido a uma inspeção, o médico chegara à conclusão de que Eddie estava clinicamente morto há doze anos. Mas Eddie estava vivo, apesar disso, e como a guerra obrigasse todos a partir tornara-se o *barman* efetivo do La Ida. O seu hábito de escorrer o fundo de todas as garrafas para pequenas vasilhas e enterrá-las fez com que, passada a guerra, o Palácio-Albergue estivesse transformado num dos lugares mais bem fornecidos de álcool do condado de Monterey.

Mack atacou a segunda metade da primeira garrafa de *Old Tennis Shoes* e contou como Dora Flood morrera enquanto dormia, deixando o Restaurante Pendão do Urso sem gerência. As pequenas, com o coração despedaçado, fecharam a porta, penduraram o letreiro ENCERRADO, puseram luto e durante três dias honraram a memória de Dora com cânticos a três vozes, *Rock of Ages*, *Asleep in the Deep* e *St. James Infirmary*. Nem pareciam raparigas, mas sim coiotes de luto.

A herdeira do Restaurante Pendão do Urso fora a parente mais próxima de Dora, uma irmã mais velha, vinda de São Francisco, onde dirigia um albergue noturno em Howard Street. De resto, há bastante tempo que ela estava associada no negócio, ainda que ninguém desse por isso... Quando Dora quisera chamar à sua casa Estrela Solitária, como recordação dum fim de semana maravilhoso passado em Forth Worth, a sua irmã insistira em que o nome devia ser Pendão do Urso, em honra da Califórnia. Baseava a sua ideia no respeito devido ao Estado no qual se abre um bordel.

Não achara grande diferença entre a nova profissão e a antiga, pois considerava ambas como serviço público. Lia nos astros e a pouco e pouco transformou o Pendão do Urso numa escola de aperfeiçoamento para raparigas. O seu nome era Flora, mas certa vez, no albergue em que trabalhava, um mendigo, ao acabar de comer a sopa, dissera-lhe:

— Flora, para mim tu és uma espécie de fauna.

— Tem graça — respondera ela —, pois ficarei Fauna.

E ficou de facto até ao fim dos seus dias.

Todas estas histórias eram bastante tristes, mas havia outra ainda pior, que Mack nem quisera referir. Evitava sempre. Contudo, acabou por falar ao Doutor de Henri, o pintor.

Mack não tinha a consciência muito tranquila nesse caso. Henri construía um barco, um barco lindo, com um camarote muito confortável. Porém, construía-o nos bosques, porque a água o afligia. Henri vivera feliz no seu barco, cuidadosamente pousado em blocos de cimento. Ora um dia, Mack e os rapazes, que não tinham muito que fazer, pregaram-lhe uma partida. Trouxeram do mar um saco de percebes e foram colocá-los no casco. Henri ficou tão aborrecido que não conseguia falar com ninguém. Talvez o Doutor o pudesse ter tranquilizado, mas infelizmente estava ausente, no Exército. Henri raspou o casco do navio e voltou a pintá-lo. Porém, mal a pintura secou os brincalhões voltaram e desta vez trazendo também algas. Depois do que aconteceu tiveram um remorso enorme, pois Henri vendeu o barco e abandonou a cidade em vinte e quatro horas. Não conseguia suportar a ideia de que enquanto dormia o seu barco andava no mar.

Mack contou ainda como Hazel, que estivera uns meses no Exército, requerera uma bolsa e se inscrevera na Universidade da Califórnia, no curso de astrofísica, tendo obtido a admissão. Ao fim de três meses, esclarecidos certos pontos confusos, as autoridades escolares deram por ele. Os serviços psiquiátricos não o puderam reter como desejavam, pois que isso seria ilegal.

Hazel perguntava muitas vezes a si próprio o que tinha ido estudar. Tencionava perguntá-lo ao Doutor, mas até que o Doutor voltasse tudo se lhe varreu da cabeça.

O Doutor bebeu a última gota de *Old Tennis Shoes* e disse:

— Falaste-me de todos e de ti não disseste nada.

Mack respondeu:

— Eu fiquei onde estava e procurei pôr as coisas em ordem.

De facto, Mack procurara pôr as coisas em ordem e discutir a guerra com todas as pessoas que encontrava. Chamava à sua guerra a Grande Guerra. Era a primeira da sua vida. No fim, interessou-se pela bomba atómica, do mesmo modo que se teria interessado pelas comemorações dum feriado nacional. As grandes recompensas que o Governo oferecia a quem descobrisse novos jazigos de urânio desencadearam nele uma reacção em cadeia e levaram-no a comprar um contador Geiger em segunda mão.

Na estação de camionagem de Monterey o contador Geiger emitiu um zumbido e Mack seguiu-o até São Francisco, primeiro, e depois por Marysville e Sacramento até Portland. Mack ia tão cientificamente absorvido que nem reparou numa rapariga que seguia na mesma camioneta. Ou melhor, não reparou com muita atenção. A rapariga ia para Jacksonville, na Florida. Mack teria reparado nela em Tacoma se o contador Geiger o não arrastasse na direcção leste. Ao tentar matar uma mosca quando estavam já em Salinas, no Kansas, a rapariga partiu o relógio de pulso e só então Mack reparou que ia na pista de um mostrador luminoso. Na sua idade Mack considerou que um simples romance lhe não bastava e regressou a Monterey escondido debaixo de uma lona num camião-cisterna com destino a Fort Ord. Mack estava contente por regressar a casa, além de que tinha ganho alguns dólares ao guarda do camião-cisterna. Limpou o Palácio-Albergue,

plantou um renque de amores-perfeitos e depois, ajudado por Eddie, fez todos os preparativos para o regresso dos heróis.

Em torno do Doutor e de Mack pairava uma melancolia doirada como um poema outonal, afinal um misto em partes iguais de *Old Tennis Shoes*, de velhos tempos, de amigos perdidos e de amigos irreconhecíveis. E em ambos havia a consciência de que estavam a evitar um assunto, mencionando pormenores para não chegarem ao mais importante.

Finalmente, quando tinham bebido tudo e não podiam disfarçar mais, o Doutor teve a coragem necessária e perguntou:

— Que te parece o novo merceiro?

— É bom homem — respondeu Mack —, um tipo com interesse. Evidentemente que não pode substituir o Lee Chong. Nunca mais haverá um amigo como o Lee Chong — concluiu Mack com a voz meio estrangulada.

— Era bom tipo e sério — disse o Doutor.

— E esperto — acrescentou Mack.

— Estupendo — garantiu o Doutor.

— Foi prestável para muita gente — prosseguiu Mack.

— E sem explorar muito — disse o Doutor.

E continuaram atirando o Lee Chong dum para o outro como uma bola, para cá e para lá, relembrando virtudes que ao próprio teriam espancado, sem esquecer a inteligência e a beleza até. Enquanto um deles evocava uma qualidade do negociante chinês, o outro esperava impacientemente para aplicar o adjetivo definitivo. Fora já das recordações iam fazendo surgir um ser quase desumano, um dragão de bondade, um anjo de malícia. É assim que se criam os deuses.

Porém, a garrafa esvaziou-se e este facto irritou de tal modo Mack que a memória de Lee Chong acabou por ser alvo dessa irritação.

— O filho da mãe foi velhaco — disse Mack. — Devia ter-nos avisado que liquidava tudo e se ia embora. Não é de amigo. Tratou de tudo sem pedir ao menos uma ajuda.

— Talvez tivesse receio — disse o Doutor. — Falou-me disso numa carta. Não pude aconselhá-lo, estava longe, e ele ficou a salvo.

— Não há maneira de adivinhar o que um china tem em mente — disse Mack. — Diga-me, Doutor, quem poderia supor o que ele estava ... como direi, a tramar?

Foi uma coisa que chocou toda a gente. O Lee Chong tinha a loja há tanto tempo que ninguém imaginava que a deixasse. Estava tão ligado às necessidades de comer e de vestir da gente de Cannery Row que já o consideravam eterno. Quem teria suscitado as maquinações secretas dum cérebro paradoxal do Oriente, de resto tão parecido com o cérebro paradoxal do Ocidente?

Dum modo geral, imagina-se o capitão dum navio sentado na cabina, sonhando com o futuro numa pequena loja em terra, longe do balanço das ondas e do soprar do vento. Pois o Lee Chong, pelo contrário, sonhava enquanto aviava ao balcão copos de *Old Tennis Shoes* e cortava transparentes fatias de presunto com aquele facalhão enorme; sonhava, sim, senhor, sonhava com o mar. Não revelou os seus planos nem pediu conselhos. Todos lhe teriam dado imensos conselhos. Não, senhor.

Um dia vendeu tudo e comprou um barco. Queria ir comerciar para os mares do Sul. Sonhava com palmeiras e polinésias. Meteu a mercadoria a bordo, latas de conserva, botas de borracha, agulhas de costura, bugigangas, fogo de artifício, calendários e até aquela montra com o vidro por cima onde expunha os alfinetes de fantasia, os colares e os isqueiros. Levou tudo com ele. Quando o viram pela última vez foi ao pôr do Sol; ia ele na ponte do barco que tanto desejara, passando pela boia de Point Pinos, a acenar com o boné azul-marinho de comandante de navio. Se não errou o caminho, deve estar agora estirado numa rede à popa do navio, cercado de belezas polinésias, mas sempre de olho alerta na mercadoria.

— Porque teria feito isso? — perguntou Mack.

— Quem sabe? — inquiriu o Doutor. — Quem sabe o que se esconde no mais profundo da mente de cada homem? Quem sabe o que cada homem deseja?

— Não é possível que ele seja feliz assim — disse Mack. — Há de sentir-se só no meio desses desconhecidos. Sabe, Doutor, voltei a pensar no assunto. Foi o maldito cinema que o levou àquilo. Lembra-se, fechava

sempre às quintas-feiras à noite. Era quando mudava o programa no cinema. Não perdia uma fita. É o que têm as fitas. Eu e você, Doutor, sabemos a aldrabice que aquilo é. Não é possível que seja feliz lá onde está. Há de acabar por se sentir tão mal que volta, vai ver.

O Doutor passou o olhar pelo laboratório em ruínas.

— Quem me dera estar ao pé dele.

— A quem não dera? — disse Mack. — Essas pequenas das ilhas dos mares do Sul acabarão por matá-lo. Ele já não é tão novo como se faz.

— Eu sei — concordou o Doutor. — Tu e eu devíamos estar junto dele para o proteger de si próprio. Estava a pensar, Mack, se devo atravessar a rua e ir buscar mais bebida ou se devo ir para a cama.

— Porque não deita uma moeda ao ar?

— Deita tu — disse o Doutor. — Não me apetece muito ir para a cama. E se fores tu a deitar a moeda já sei que terei de sair.

Mack deitou a moeda ao ar e, de facto, bateu certo. E acrescentou:

— Vou eu por si, Doutor. Instala-se e espera um bocado que eu volto já.

E voltou.